

TRAQUINA,
Nelson.

*Teorias do
Jornalismo*
– volume 1 –
*porque as
notícias são
como são.*

Santa Catarina:
Editora Insular,
2004.

Por que as notícias são como são?

Hérica Lene

Compreender porque as notícias são como são tem sido objeto de longa pesquisa e diferentes teorias têm surgido para explicá-las. O catedrático do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa, Nelson Traquina, dá uma interessante contribuição, neste sentido, em *Teorias do Jornalismo – volume 1 – porque as notícias são como são* (Editora Insular, 2004, 224 páginas), seu segundo livro publicado no Brasil e que já está em sua segunda edição.

Na apresentação do livro, o professor da pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Eduardo Meditsch, enfatiza a contribuição das obras de Nelson Traquina para o campo jornalístico e diz que, tal qual ocorre em nosso país, o estudo do jornalismo e da mídia em Portugal enfrenta dificuldades para se afirmar, competindo com disciplinas tradicionais das ciências humanas, ainda mais pertencendo a um campo difuso e mal resolvido como o da Comunicação Social.

Na tentativa de colaborar para os estudos e para a afirmação desse campo, o professor Traquina reuniu um grupo de pesquisadores de diversas instituições e preside, desde 1997, o Centro de Investigação Media e Jornalismo. Há três anos, o Centro lançou a revista acadêmica *Media & Jornalismo*. O convite para escrever *Teorias do Jornalismo* e publicá-lo no Brasil foi feito pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, responsável pela co-edição da obra. O volume 1 tem como objetivo responder a questões-chave que são essenciais para uma compreensão do jornalismo. O que é notícia? O que são notícias? Por que as notícias são como são? O que é ser jornalista numa democracia? O jornalismo é um “Quarto Poder”? Um “contra-poder”?

No caminho que percorre para responder a estas questões, Traquina desenvolve seis capítulos. No primeiro, “O que é jornalismo?”, faz uma reflexão sobre essa conceituação e ressalta que a obra – dedicada principalmente a estudantes da área – não pretende ser um manual para a prática jornalística, mas fornecer uma compreensão teórica do jornalismo. Segundo define o autor, trata-se de “um manual teórico para a prática jornalística”.

Nos Capítulos 2 e 3, “A trajetória histórica do jornalismo na democracia e O jornalismo enquanto profissão”, o autor trata da evolução do jornalismo nas sociedades democráticas: a emergência de um “campo” (utilizando o conceito do sociólogo francês Pierre Bourdieu) em que um recurso social – a notícia – é o objeto de uma luta na definição e na construção

das notícias, em que um profissional (o jornalista) reivindica um monopólio do saber, o de definir e de construir a notícia e, por extensão, a realidade. Nessa parte, o autor discute sobre dois pólos que começaram a se tornar dominantes na emergência do campo jornalístico contemporâneo: o econômico (a definição das notícias como um negócio) e o ideológico (a definição das notícias como um serviço público).

No Capítulo 4, chamado “O jornalismo: ser ou não ser profissão?”, é apresentada uma reflexão sobre se o jornalismo caminha ou não na direção do “tipo ideal” de uma profissão. Traquina diz que, com base na literatura sobre as profissões, não há dúvida de que a resposta é sim, e que quem ainda responde “não” ignora mais de 150 anos de história do jornalismo. Na seqüência, ele se aprofunda na questão do *Pólo ideológico do campo jornalístico* – título do Capítulo 5 – argumentando que a existência de uma “autonomia relativa” do campo implica que os jornalistas têm poder.

Traquina reserva o Capítulo 6 – “As teorias do jornalismo” – para traçar justamente um panorama das diversas abordagens teóricas que foram elaboradas ao longo do tempo para explicar porque as notícias são como são. Esta parte é uma espécie de coletânea de estudos empíricos realizados em vários países. As respostas para as questões que o autor apresenta no início da obra apontam para uma defesa de um jornalismo como a realidade, mas uma realidade que ele considera muito seletiva, construída através de inúmeros processos de interação social entre os profissionais do campo jornalístico com três grupos de agentes sociais. A interação dos jornalistas ocorreria com as diversas fontes, concebidas como agentes sociais que querem utilizar o produto essencial do campo jornalístico – as notícias – como um recurso social para suas estratégias de comunicação; com os outros jornalistas, que são membros da comunidade interpretativa, na qual partilham como referência toda a ideologia representada no pólo ideológico do campo jornalístico; e com a própria sociedade.

O autor faz questão de desenvolver seu raciocínio com uma linguagem bastante pedagógica, aliás, o que era de se esperar, pois seu propósito é se fazer entender e alcançar, principalmente, os estudantes, futuros jornalistas. Mas o “manual teórico para a prática jornalística” não deixa de ser também uma leitura recomendada para professores de Comunicação Social.

Na conclusão, Traquina adianta um pouco para os leitores brasileiros o que vai discutir no volume 2. “Iremos examinar mais de perto toda a cultura profissional dos profissionais do campo jornalístico porque a proposta teórica deste livro aponta para uma ‘autonomia relativa’ dos profissionais que reivindicam um monopólio do saber, a seleção e a construção das notícias”, acrescenta. O volume 2 do *Teorias do Jornalismo* tem como tema “A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa

transnacional” e foi lançado neste ano pela mesma editora, a Insular, de Florianópolis, junto com a segunda edição do volume 1 que estava esgotada.

Até o ano passado, Traquina só havia publicado um livro no Brasil: *O Estudo do Jornalismo no século XX* (lançado em 2001 pela Editora Unisinos, no Rio de Grande do Sul). Mas outras obras que organizou e traduziu para a língua portuguesa têm contribuído para o estudo dessa área no país. São elas: *Jornalimos* (Lisboa, Centro de Estudos da Comunicação e Linguagens, 1988); *Jornalismo: questões, teorias e estórias* (Lisboa, Editora Vega, 1993); *Jornalismo 2000* (Lisboa, Relógio D’ Água, 2000); e *O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento* (Coimbra, Minerva, 2000).

HÉRICA LENE é doutoranda em Comunicação e Cultura pela UFRJ, mestre em Comunicação pela UFF, especialista em Estratégias de Comunicação Organizacional pela Faculdade Cândido Mendes de Vitória e professora do curso de Comunicação Social da FAESA (ES).